

25ª EDIÇÃO, JUL-DEZ, 2016**EDITORES**

Aimée Schneider Duarte (Mestranda, UFF)
Alan Dutra Cardoso (Mestrando, UFF)
Aline Monteiro de C. Silva (Doutora, UFF)
Carolina Bezerra Machado (Doutoranda, UFF)
Gabriel de Abreu M. Gaspar (Graduando, UFF)
Hevelly Ferreira Acruche (Doutora, UFF)
Juliana Magalhães dos Santos (Doutoranda, UFF)
Maria Isabel W. B. Rautenberg (Graduanda, UFF)
Mariana Figueiredo Virgolino (Doutoranda, UFF)

EDITORA CHEFE

Aline Monteiro de C. Silva (Doutora, UFF)

ORGANIZADORA

Carolina Bezerra Machado (Doutoranda, UFF)

PARECERISTAS

Prof. Dr. Alexander Lemos de A. Gebara (UFF)
Prof^ª. Dr^ª. Ana Cristina Santos Matos Rocha (FIOCRUZ)
Prof^ª. Ms. Alessandra P. Antunes do Vale (UFRRJ)
Prof^ª. Dr^ª. Aline Cristina O. do Carmo (CPII)
Prof^ª. Dr^ª. Amanda Palomo Alves (UNIOESTE)
Prof^ª. Ms. Angélica Ferrarez de Almeida (UERJ)
Prof^ª. Dr^ª. Cristiana Costa da Rocha (UESPI)
Prof. Dr. Cezar Teixeira Honorato (UFF)
Prof. Ms. Eduardo Cardoso Daflon (UFF)
Prof. Dr^ª. Fátima Machado Chaves (UNIRIO/Cederj)
Prof. Fernando Víctor Aguiar Ribeiro (USP)

Prof. Giovanni Garcia Mannarino (UERJ)
Prof. Dr. Gustavo de Andrade Durão (PUC-RJ)
Prof. Gustavo Pereira da Silva (UNL)
Prof^ª. Ms. Helena Wakim Moreno (USP)
Prof^ª. Ms. Isa Márcia Bandeira de Brito (USP)
Prof^ª. Dr^ª. Isabele de Matos P. de Mello (UFF)
Prof^ª. Ms. Karina Helena Ramos (PUC-RJ)
Prof^ª. Dr^ª. Lia Dias Laranjeira (USP)
Prof^ª. Dr^ª. Lívia Nascimento Monteiro (UCL)
Prof^ª. Ms. Luzineide Miranda Borges (UESC)
Prof^ª. Ms. Marcela Moraes Gomes (CPII)
Prof. Dr. Marcos Luis Ehrhardt (UNIOESTE)
Prof^ª. Dr^ª. Marina Annie M. Berthet Ribeiro (UFF)
Prof^ª. Ms. Marly Spacachieri (UNISO)
Prof. Dr. Matheus Serva Pereira (PUC-RJ)
Prof^ª. Dr^ª. Marcia Milena Galdez Ferreira (UEMA)
Prof^ª. Ms. Nayara Galeno do Vale (UFF)
Prof^ª. Ms. Patricia C. de Azoubel Zulli (USP)
Prof^ª. Ms. Paula de S. Valle Justen (UFF)
Prof^ª. Ms. Rachel Romano dos Santos (UFRJ)
Prof^ª. Dr^ª. Rita de Cássia Natal Chaves (USP)
Prof^ª. Dr^ª. Talita Nunes Silva (UFF)
Prof. Ms. Thiago Vinicius Mantuano da Fonseca (UFF)
Prof. Dr. Ulisses Corrêa Duarte (UFRGS)
Prof^ª. Dr^ª. Valéria Leite de Aquino (UERJ)
Prof^ª. Ms. Valesca de Souza Almeida (CPII)
Prof. Dr. Washington Santos Nascimento (UERJ)

Apresentação

Carolina Bezerra Machado¹ (Doutoranda, UFF)

A fase de escolha para a temática que irá compor um dossiê perpassa uma série de questões que visam dialogar com as constantes demandas sociais, acadêmicas e de ensino que circundam o nosso meio. Nesse sentido, ganhar mais esse espaço para o debate acerca dos estudos africanos, principalmente ao considerarmos que esse espaço é produzido por estudantes que transitam entre a graduação, pós-graduação e magistério de ensino básico,

¹ Doutoranda em História pela Universidade Federal Fluminense. Bolsista Capes e pesquisadora do grupo Interinstitucional Áfricas.
Email: lowbezerra@gmail.com

vem comprovar o quanto os estudos sobre a África cresceram e vêm se consolidando no Brasil. Embora muito tenhamos para percorrer, aos poucos a África mitificada e ocidentalizada vai ficando para trás. Em diálogo com os novos debates historiográficos, o estudo das tradições e a valorização da oralidade permitem novas significações para a história do continente.

No Brasil, essa temática vem sendo fortalecida desde a obrigatoriedade do ensino de África nos bancos escolares com a lei 10.639/2003. De lá pra cá, muito se avançou. A História da África vem sendo pensada, sobretudo, a partir de uma perspectiva do africano como sujeito de sua história, o que abriu novas possibilidades para construirmos a historicidade das sociedades africanas. À medida que o objetivo passa a ser romper com os estereótipos que marcaram a visão sobre o continente desde a Antiguidade, passamos a enxergar no “lugar das essências, os processos históricos, dinâmicas sociais e culturas em movimentos”, em que as identidades passam a ser vistas a partir da sua pluralidade.

Dessa forma, é interessante notarmos que os artigos que integram o presente dossiê buscam repensar a história do continente a partir da perspectiva do africano como sujeito, ampliando a imensa diversidade cultural desse povos. A multiplicidade dos significados que se abrem com a generalização do termo africano vai, aos poucos, dando lugar às especificidades dos grupos locais que compõem o continente.

Ao iniciarmos o dossiê nos voltamos para os artigos de Fabiane Miriam Furquim, “A Permanência do Lobolo e a Organização Social no Sul de Moçambique”, e de Fernanda Bianca Gonçalves Gallo: “Para Poderes Viver Como Gente: Reflexões Sobre o Persistente Combate ao Modo de Vida Disperso de Moçambique”. Os debates acerca das tradições africanas aparecem sobre uma nova perspectiva, que traz como proposta se afastar das simplificações existentes e problematizar as relações de poder locais, as formas de organização e legitimação que envolvem essas populações. Dessa forma, ampliamos o nosso olhar para as dinâmicas e conflitos particulares que fazem parte do dia a dia dos diferentes povos existentes e buscamos conhecer, a partir das questões internas, os processos históricos que nos conduzem a uma África sem essencialismos. A prática do Lobolo no artigo de Furquim nos conduzem a novas conceituações de tradição e modernidade, em que um não exclui o outro mas se modificam constantemente, trazendo à baila a complexidade existente. Da mesma maneira, Fernanda Gallo aponta para as resistências locais às imposições de uma política de Estado que via suas práticas como um atraso à modernidade.

Em seguida, o artigo de Rodrigo Hotta “Juízo de Inconfidência em Angola: A Conspiração dos Degredados em Luanda, 1763” traz como proposta repensarmos as trocas culturais existentes entre os africanos e portugueses a partir de uma prática política comum à época: os degredados. Ainda pouco estudado, o cumprimento do degredo em Luanda é problematizado a partir de uma conjuração que busca aterrorizar a administração local. Um importante trabalho para nos atentarmos para as fissuras coloniais existentes no período e as trocas existentes entre o colono e o colonizador, que estão muito além dos binarismos impostos. Essas tensões coloniais também estão presentes no artigo de Jéssica Evelyn Pereira dos Santos, “Guerra e Sangue Para uma Colônia Pacificada: A Revolta do Bailundo e o Projeto Imperial Português para o Planalto Central do Ndongo (1902-1904)”, em que a ocupação dos portugueses sobre o território angolano se coloca como complexa à medida que também se propõe mostrar a participação dos povos locais nessa empreitada, marcada pelas disputas de memória sobre o evento.

Ainda dentro do diálogo colonial entre angolanos e portugueses, Marilda dos Santos Monteiro das Flores em “Angola: Rememorando as Idas e Vindas de um Lugar Desconhecido” traz como proposta, a partir dos debates teóricos que cercam a memória,

refletirmos sobre a saída de portugueses para a Angola no contexto da guerra colonial na década de 1970. Ressaltando um novo contexto das migrações portuguesas para Angola, a chegada em terras angolanas representa um novo começo, cercado de disputas.

Já no texto de Patrício Batsíkama “A Mulher na Luta de Libertação e na Construção de Estado-Nação em Angola”, as lutas pela independência de Angola são repensadas a partir de uma perspectiva interna, que parte dos atores sociais angolanos para problematizar os meios de resistência à política colonial no território. A participação das mulheres é colocada em evidência a partir de um estudo de caso: Luzia Inglês, o que ressalta uma abordagem que aos poucos vem se fazendo presente nas pesquisas acadêmicas.

O crescimento dos estudos culturais na historiografia também vem contribuindo para novas problematizações sobre a história do continente africano. Com o artigo intitulado “Safi Faye: Cinema e Autorepresentação”, Evelyn dos Santos Sacramento traz uma abordagem da cineasta senegalesa que envolve uma reflexão sobre intelectualidade e diáspora a partir da produção cinematográfica abordada. Ainda dentro de um debate diaspórico, Paola Vargas em “Aka de Camarões, Cazumbá do Maranhão e Marimonda de Barranquilla: Diálogos Entre História e Culturas Sul-Atlânticas” nos brinda com um trabalho comparativo sobre as expressões culturais de grupos que se constituíram no processo da diáspora atlântica.

Para finalizarmos o dossiê, três trabalhos trazem como proposta refletir sobre os debates e desafios teóricos e metodológicos que cercam a pesquisa e o ensino de África. Álvaro Ribeiro Regiani e Kênia Érica Gusmão Medeiros refletem sobre a obrigatoriedade do ensino de História da África e da Cultura afro-brasileira em “A Negação da Filosofia Africana no Currículo Escolar: Origens e Desafios”. O diálogo interdisciplinar aí presente tem como objetivo abordar como o ensino de África está sendo aplicado nos livros didáticos de História e Filosofia, contribuindo para os debates contemporâneos. Dentro de um mesmo diálogo, Lucival Fraga dos Santos em “Que África se Inscreve e se Ensina no Brasil?”, contempla os impactos do ensino de África na cultura brasileira, principalmente a partir da obrigatoriedade do seu ensino com a lei 10.639/2003, ressaltando de que modo ela vem contribuir com a quebra de estereótipos. Por último, o artigo de Fabrício Cardoso de Mello “Reflexões Críticas sobre o Debate em torno dos Movimentos Sociais na África”, traz uma discussão de âmbito acadêmico acerca dos processos de mobilização social no continente africano. Para isso, o autor dialoga com diferentes vertentes teóricas a fim de colocar os movimentos sociais da África dentro dos debates conceituais presentes sobre o tema.

Compõe ainda o dossiê a seção artigos livres, composto pelas pesquisas de Beatriz dos Santos de Oliveira Feitosa, Tomás de Almeida Pessoa, Marcus Castro Nunes Maia, Cláudia de Andrade Rezende e José Ernesto Moura Knust. A partir de diferentes temáticas, suas pesquisas contribuem para enriquecer nossas análises historiográficas. Da mesma forma, recebemos a contribuição de Michel Ehrlich com a resenha do livro do Prof. Dr. Daniel Araújo Reis Filho (UFF) “Ditadura e Democracia”, dialogando com o cenário político atual.

Por fim, é com grande prazer que agradecemos a participação da professora Flávia Maria de Carvalho da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). A jovem pesquisadora e professora universitária traz um pouco da sua história na entrevista que nos concedeu, ressaltando os caminhos que lhe levaram à História da África e como os seus anos de estudante na Universidade Federal Fluminense (UFF), contribuíram para o seu amadurecimento na pesquisa do tema.

Espero que a publicação do dossiê venha colaborar para a abertura de novos caminhos para os estudos africanos. Foi um prazer poder dialogar com os

autores e pareceristas que participaram dessa produção. Agradeço à equipe da *Revista Cantareira* todo o carinho e dedicação para colocarmos mais um número no ar.

Boa leitura a todos.